

COMMENTAIRE COMPOSÉ DE LITTÉRATURE DE LANGUE PORTUGAISE

Commentez, **en portugais**, le texte suivant :

Depois do funeral triste do Nasser

*Mãe ... às vezes eu penso na tua morte
e dá-me vontade de chorar.
Não quero que morras primeiro que eu.
Não quero ver a morte das pessoas
que gosto muito.*

nasser

Depois do funeral triste de Nasser, juntámo-nos na antiga casa do Tio Xexo. Era estranho, após tantos anos, estarmos todos lá reunidos, outra vez. Até a Avó Nela tinha vindo de Portugal para este encontro. Na realidade, ela não teria vindo para o funeral mas para a cena toda depois do funeral – percebi eu mais tarde.

A casa acabava de ser recuperada. No meio da tristeza e do alcoolismo, a Tia Linda arrumava as coisas nos seus antigos sítios; o Tio Xexo começava a montar o barril de cerveja, a garrafa com gás e o manípulo dos finos, na parte de fora da enorme câmara frigorífica; a Avó Nela foi regar o jardim; eu sentei-me no calor do quintal; o Dório tocou a campainha; as pombas habituavam-se à gaiola e ao cheiro de tinta recente; a Céu, chorosa, ajudava a cozinhar; o Vaz não estava; o Dório entrou; o Tio Xexo esboçou um sorriso leve e tirou o primeiro fino. Passou-o ao Dório que o ia agarrar e tragar: “Não querias mais nada!...” disse-lhe o Tio Xexo, afastando o copo e bebendo-o de *penalty*.

Eu, sentado, percebi de repente que talvez a vinda do Nasser a este nosso mundo tivesse representado somente um marco cronológico dos imensos acontecimentos que haviam de se dar ao Tio Xexo, à Tia Linda e àqueles que os rodeassem. Que os sinais psicológicos e físicos da sua aparição, do Nasser, eram anúncios não perceptíveis de toda uma gama de desvios pessoais e colectivos que se haveriam de processar na sua família, desvios que começariam no casamento do Vaz com a Céu – seus pais, que passariam pelo nascimento da Sú – sua irmã, e que terminariam, agora entendo, com a sua própria morte.

Depois do funeral triste de Nasser, as coisas, de uma maneira certa mas triste, voltaram aos seus lugares. O Vaz reapaixonou-se pela Céu e ela cedeu, o Tio Xexo reorganizou a sua vida económica e pluriamorosa, a Tia Linda – embora ninguém tenha conseguido perceber – entrou no seu próprio eixo e perdeu para sempre a sua vaga consciência no colorido oceano das bebidas alcoólicas, a Avó Nela morreu numa linda manhã de domingo, sem grande sol e sem grandes nuvens, numa daquelas manhãs que a Djamilia apelidava de “sem estrelas”, e morreu com um sorriso lindo nos lábios ajudado pelo tom branquíssimo e simultâneo dos seus cabelos e dos seus dentes. O Mofor não mais almoçou na casa do Tio Xexo porque nem a própria morte do Nasser criou a possibilidade de as pessoas voltarem do reino da morte; o Dório usou a calça cada vez mais para cima, quase presa nos sovacos e continuou a usar as suas camisas *polo* brancas, e a rir com aquele sorriso só seu de depois de umas tantas cervejas, tendo ficado para todo o sempre até ao dia da sua morte o representante da *Opel* em Angola. A Sú – irmã do Nasser – cresceu sempre um pouco corcunda, quero dizer, com a sombra do

Nasser a pesar-lhe de uma maneira tão mística que nunca ninguém percebeu, nem mesmo ela, excepto no dia em que percebeu o conteúdo dessa nossa sombra e, de maneira mística também, o guardou em segredo, lá, até ao resto dos seus dias; os fins-de-semana na casa do Mussulo do Tio Xexo tornaram-se mais festivos e alcoólicos e musicais e tardios do que nunca, com direito a três viagens de barco reservadas a transporte logístico para cada fim-de-semana; observando, um pouco de longe um pouco de perto, eu perguntava-me em espaçados intervalos se teria sido preciso o Nasser nascer, se teria sido preciso ele viver e crescer e ter sido tão importante para nós, e se teria sido preciso – ainda tão pequeno – ele morrer para que todas as coisas que desde o seu nascimento se alteraram, pudessem finalmente e a que preço, voltar aos seus antigos e próprios eixos.

Depois do funeral triste de Nasser, alguém teve a ideia de pôr filmagens dele na praia, na creche, nas festas, na vida... Almoçou-se tarde, em tom triste mas nem por isso silencioso, passou-se a tarde a beber, a comer, a sobremesear, que é como quem diz, a viver o funeral à nossa maneira. Esperou-se pelo fim da tarde e entrou-se finalmente na noite.

Entre restos de comida e de vozes, ouvi os murmúrios solitários da Avó Nela e vi os seus olhos tristes e as suas mãos bonitas e as suas vestes simples e o seu cabelo branquinho. No seu passo lento, foi buscar a bisneta. Pegou-lhe ao colo e trouxe-a para dentro. Enquanto a voz do Nasser e a sua imagem brincavam na TV, as duas adormeceram encostadinhas uma à outra.

Depois do funeral triste de Nasser – e na sua ausência -, nada parecia ser a mesma coisa.

Ondjaki, “Depois do funeral triste do Nasser”, in *Momentos de Aqui* (2004)

